

ESPAÇO DO POVO



Julho 2023 | Edição 96 | Ano 16 | Distribuição Gratuita

Da favela para favela

Negócio social leva compras online para moradores de becos e vielas de São Paulo

Página 10

EMPREENDEDORISMO

Dinheiro é, sim, assunto para mulher

Leia a coluna da educadora financeira Beatriz Maluf

Página 7

COMUNICAÇÃO

Máquinas empáticas (ou não)?

Leia a coluna da jornalista Judith Brito

Página 6

COMUNIDADE



Cores da favela: Iniciativa revitaliza casas em Paraisópolis

Além de transformar as casas da comunidade, o projeto também promove a geração de emprego e renda aos moradores

Página 14

A importância da Educação Midiática nas favelas

Por Joildo Santos

A educação midiática desempenha um papel fundamental no empoderamento e no desenvolvimento das comunidades nas favelas. Ao fornecer habilidades de alfabetização digital e conhecimento sobre o uso responsável e crítico da mídia, a educação midiática capacita os residentes das favelas a se tornarem participantes ativos e informados na sociedade.

Uma das principais vantagens da educação midiática nas favelas é o aumento da consciência e da conscientização sobre questões sociais e políticas. Ao aprender a analisar e interpretar diferentes fontes de informação, os moradores das favelas podem compreender melhor

os desafios enfrentados por suas comunidades e se envolver de maneira significativa para buscar soluções.

O patrono da educação brasileira Paulo Freire, conhecido por suas contribuições para a pedagogia crítica, ressaltou a importância da educação como instrumento de libertação. Em suas palavras, “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.” Essa citação destaca como a educação midiática pode capacitar os moradores das favelas a se tornarem agentes de mudança em suas próprias vidas e em suas comunidades.

Outra personalidade que valorizou a educação midiática

foi Marshall McLuhan, um conhecido filósofo da comunicação. Ele afirmou que “o meio é a mensagem”, enfatizando que as formas de mídia influenciam a maneira como percebemos e entendemos o mundo ao nosso redor. Nas favelas, a educação midiática permite que os moradores compreendam os impactos da mídia em suas vidas e desenvolvam habilidades para utilizar a mídia de maneira construtiva.

Além disso, pode promover a inclusão digital e reduzir a desigualdade de acesso à informação e tecnologia. Ao fornecer treinamento em habilidades digitais básicas e promover o acesso a recursos tecnológicos, capacitando os mo-

radores das favelas a superar barreiras e participar plenamente da sociedade digital. A exemplo do que é realizado pelo G10 Tech em São Paulo, em parceria com Vai na Web e PagBank, qualificando jovens e adultos em tecnologias modernas, especialmente programação.

No entanto, é importante ressaltar que a educação midiática nas favelas enfrenta desafios, como a falta de recursos e infraestrutura adequada. É necessário um investimento contínuo por parte do governo e de organizações não governamentais para garantir que as comunidades tenham acesso

igualitário a programas educacionais e recursos midiáticos.

Através do desenvolvimento de habilidades de alfabetização digital, análise crítica da mídia e conscientização social, os moradores das favelas podem se tornar agentes de mudança e participantes ativos na sociedade. Como Paulo Freire e Marshall McLuhan destacaram, a educação oferece oportunidades para a transformação pessoal e a construção de um mundo melhor.



Joildo Santos

Fundador do jornal Espaço do Povo e CEO do Grupo Cria Brasil.

EXPEDIENTE

Espaço do Povo é uma publicação do Grupo Cria Brasil.

CEO Grupo Cria Brasil
Jornalista Responsável

Joildo Santos
joildosantos@paraisopolis.org
MTB 67099 SP

Diretora Executiva Cria Brasil
Francisca Rodrigues
franrodrigues@grupocria.com.br

Editora-chefe

Gisele Alexandre
gisele.alexandre@agenciacriabrasil.com.br
MTB 60305 SP

Repórter Cinematográfico

Léu Britto
leu.britto@agenciacriabrasil.com.br

Fotografia

Wesley Tadeu
Anderson Jorge
Léu Britto

Editoração

Caroline Martins
caroline.martins@agenciacriabrasil.com.br

Redação

Aline Almeida
aline.almeida@agenciacriabrasil.com.br

Leonardo Almeida
leonardo.almeida@agenciacriabrasil.com.br

Publicidade

(11) 977234537
(11) 952117476

Acompanhe nossas redes sociais

Cria Brasil
Instagram: @criabrasilcomunicacao
Facebook: Agência Cria Brasil

Espaço do Povo

Instagram: @espacodopovo
Facebook: Jornal Espaço do Povo
Site: www.espacodopovo.com.br

A colonização das favelas

Por Fran Rodrigues

No vasto território do Brasil, que outrora abrigava diferentes povos indígenas, hoje encontramos um fenômeno que remete aos tempos da colonização: a ocupação e exploração das favelas. Nesse contexto, é possível estabelecer um paralelo intrigante com a chegada dos portugueses em 1500, quando um povo já habitava essa terra, mas foi ignorado e subjugado pelos recém-chegados.

Os colonizadores das favelas, assim como os portugueses da época, inicialmente se mostram amigáveis. Eles se aproveitam de nossa mão de obra, de nosso intelecto e até de nossa imagem para obter ganhos financeiros à custa de nossa comunidade. Eles parecem oferecer “presentes” em forma de falsas oportunidades de crescimento, mas, na realidade, sua intenção é explorar e lucrar às nossas custas.

Da mesma forma que os portugueses se apropriaram das terras e recursos naturais do Brasil, os colonizadores das favelas se apropriam da inteligência e criatividade que emergem de nossas comunidades. Eles assumem para si a autoria de soluções e ideias que são, na verdade, fruto do engenho e da resiliência dos moradores das favelas.

As favelas são verdadeiros laboratórios sociais, onde a necessidade e a adversidade inspiram soluções inovadoras para os desafios do cotidiano. Muitas vezes, essas soluções são transformadas em produtos e serviços lucrativos por empresas ou indivíduos que se beneficiam diretamente do trabalho e do conhecimento das comunidades faveladas.

Enquanto os colonizadores das favelas exploram nossa inteligência e criatividade, eles

nos negam a dignidade e o reconhecimento merecidos. Assim como os povos indígenas foram tratados como “selvagens” pelos colonizadores europeus, os moradores das favelas são frequentemente estigmatizados e estereotipados, sofrendo preconceito e discriminação.

É necessário que sejamos conscientes dessa dinâmica e lutemos por nossos direitos e valorização. Devemos reivindicar a autoria de nossas ideias e soluções, recusando-nos a ser meros fornecedores de mão de obra barata ou fontes de inspiração exploradas. É fundamental que nossas vozes sejam ouvidas e que nossa participação ativa na sociedade seja reconhecida e valorizada.

Assim como o Brasil vem se esforçando para resgatar a história e a cultura dos povos indígenas, é necessário que a sociedade



Crédito: Banco de Imagens Agência Cria Brasil

como um todo reconheça e valorize a contribuição das comunidades faveladas. Somente assim poderemos reverter essa forma contemporânea de colonização, que busca lucrar em cima de nossas conquistas e do nosso potencial.

É importante ressaltar que há muitas pessoas e instituições aliadas, com propósitos sérios e que retratam a favela com a sua devida importância, ao dar visibilidade pelo viés da potência que é. Mas há também quem só aproveita para “surfear na onda” filantrópica e levar o crédito sobre o trabalho que vem sendo feito há anos por quem é de território, mas que

não tinha tanto recurso e não era visto.

A favela é um reflexo de nossa riqueza cultural, de nossa capacidade de superação e de nossa resiliência. É fundamental que sejamos os protagonistas da nossa história e transformação social. Quem estiver disposto a colaborar e promover impacto real, será sempre bem-vindo, mas essa construção precisa ser em colaboração e valorização de quem está “no core” para promover a transformação social.

Fran Rodrigues

É jornalista, coordenadora de comunicação do G10 Favelas, produtora cultural e voluntária na Associação das Mulheres de Paraisópolis. É diretora-executiva da Cria Brasil, agência de comunicação de favelas. É fundadora da Potência Periférica, uma iniciativa que valoriza artistas e projetos culturais da periferia.



Presidente Lula sanciona Lei Geral dos Esportes

Em 15 de junho, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), sancionou com vetos a nova Lei Geral dos Esportes, que prevê, entre outras medidas, a punição para quem cometer racismo, homofobia, sexismo e xenofobia dentro dos estádios. O valor da multa irá depender da gravidade do crime e ela também é válida para os clubes e a torcida organizada, que pode ser banida por um período de até cinco anos.

A Lei Geral dos Esportes reúne toda legislação da área es-

portiva, como a Lei Pelé, o Estatuto do Torcedor, a Lei de Incentivo ao Esporte e a Lei Bolsa Atleta.

“A Lei Geral do Esporte estabelece o Sistema Nacional do Esporte, que é uma construção de décadas, de conferências nacionais. É um texto que está tramitando no congresso há mais de seis anos. Era uma grande expectativa para o setor, o texto estabelece uma estrutura formalizada, institucionalizada do esporte, com responsabilidades da União, dos estados e dos mu-

nicipios. É uma lei bem complexa, são mais de 200 artigos”, disse a ministra do Esporte, Ana Moser, em coletiva de imprensa.



Crédito: TV Globo, Freepik

G10 Favelas participa do Cannes Lions 2023

Crédito: Divulgação Cannes Lions



Em 21 de junho, Gilson Rodrigues, fundador e presidente do G10 Favelas, ocupou o palco principal do maior festival de publicidade do mundo, o Cannes Lions 2023 – Fórum Inovadores Moldando o Amanhã.

Antes do evento, o líder comunitário de Paraisópolis comentou sobre como seria sua participação durante

o evento, realizado na França: “Irei palestrar em Cannes mostrando a força da favela no palco principal [...] mostrando uma favela forte, ativa economicamente, que sabe o que quer, que não quer viver de doações, mas que busca oportunidades para transformar vidas”, disse o presidente do G10 Favelas.

Gilson Rodrigues recebe Título de Cidadão Paulistano



Crédito: Assessoria Vereador Isac Félix

Em 14 de junho, a Câmara Municipal de São Paulo entregou o Título de Cidadão Paulistano à Gilson Rodrigues, homenagem que partiu do vereador Isac Félix (PL), que acompanha a trajetória de Gilson desde o início na vida pública. O título é concedido a pessoas nascidas em outras cidades e que prestaram grandes ser-

viços a município de São Paulo.

“Eu sou baiano ajudando a construir a maior cidade do Brasil, que é a maior capital nordestina do Brasil, então é muito orgulho poder estar, é uma honra para mim e para minha família, e para todos os nordestinos que me sinto representando”, contou Gilson.

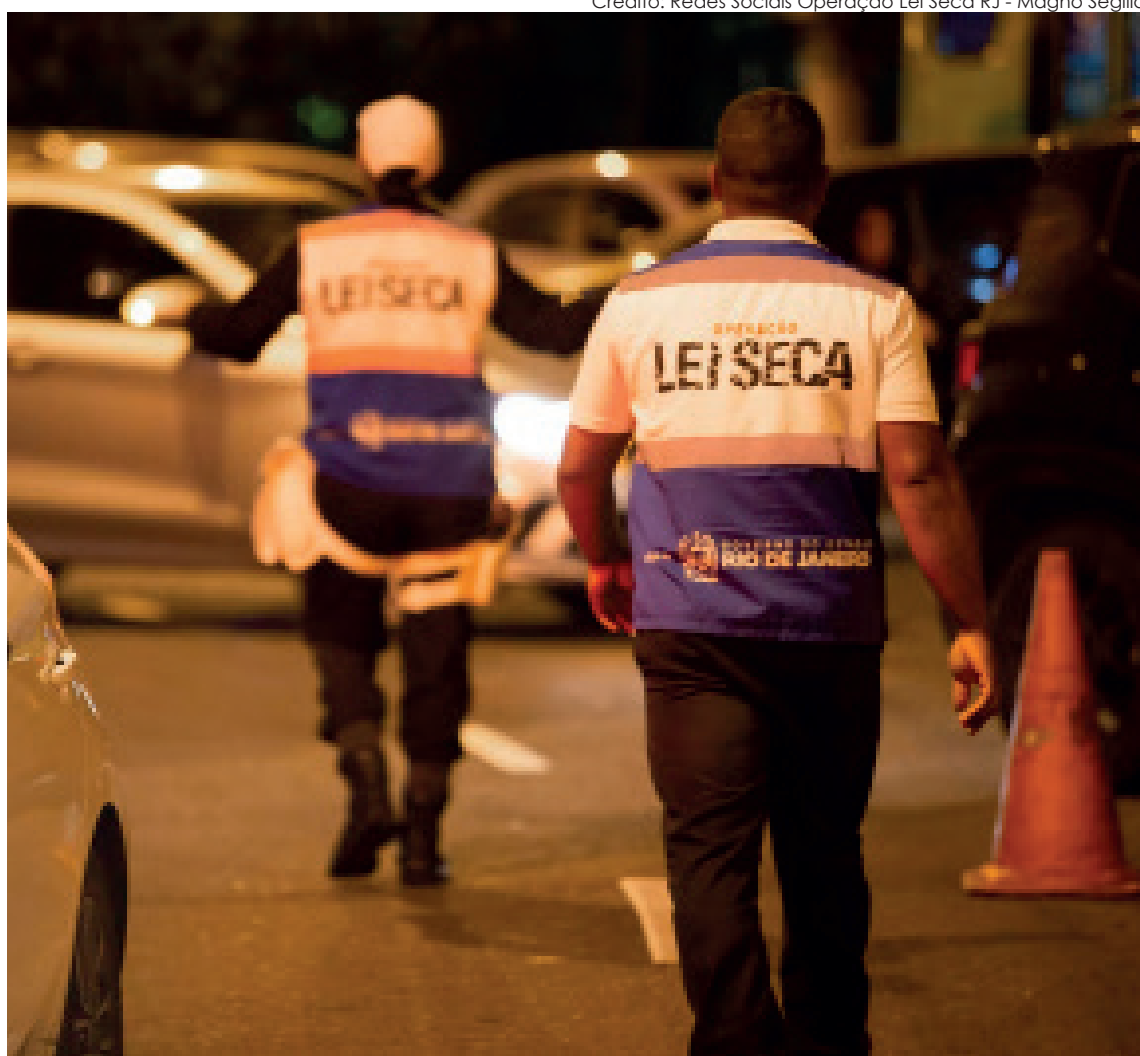
15 anos de Lei Seca: legislação reduziu mortes no trânsito

A Lei Seca, sancionada em 2008, endureceu as regras para o consumo de bebida alcoólica para motoristas. Na última década de vigência, o número de mortes por embriagues no volante caiu 32%, porém o número de internações aumentou 34% no mesmo período, segundo dados do dossiê Panorama dos acidentes de trânsito por uso de álcool no Brasil, elaborada pela ONG Centro de Informações de Saúde e Álcool (CISA).

Ainda de acordo com o relatório, em 2021 o Brasil registrou 76 mil hospitalizações e 11 mil óbitos. O Brasil é

um dos poucos países a exigir tolerância zero para quem dirigir alcoolizado ou sob efeito de substâncias psicoativas, a punição vai de 6 meses a 3 anos de prisão, além de multa ou suspensão de obter permissão ou habilitação para dirigir veículo automotor.

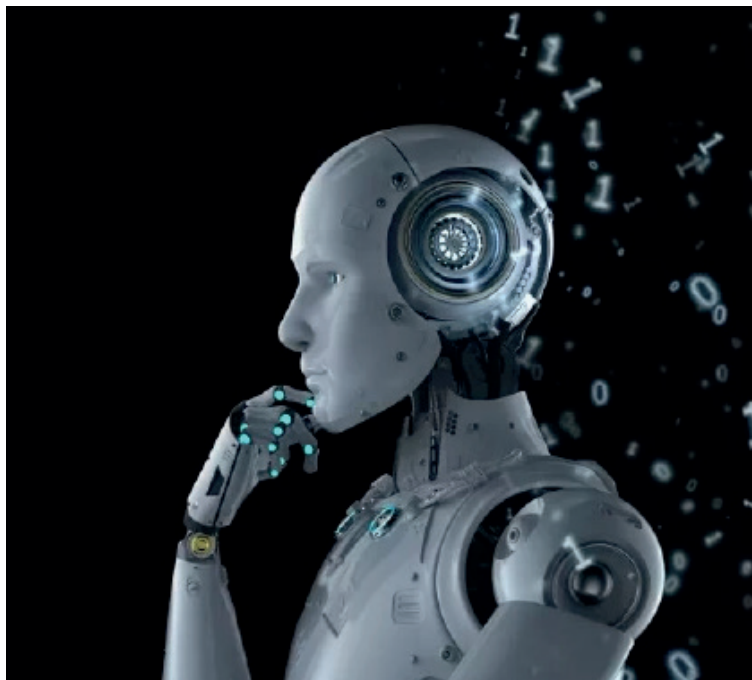
“Ter uma legislação que proíba álcool e direção é uma das estratégias mais eficazes para diminuir acidentes de trânsito no mundo e o fato de que eles vêm perdendo consideravelmente sua letalidade no Brasil é muito positivo”, relata Arthur Guerra, psiquiatra e presidente do CISA.



Crédito: Redes Sociais Operação Lei Seca RJ - Magno Seglita

Máquinas empáticas (ou não)?

Por Judith Britto



Crédito: Getty Images

O assunto do momento é a IA (Inteligência Artificial). Por um lado, há o deslumbramento com um serviço digital que, em poucos segundos, responde dúvidas, elabora textos, desenha o que o internauta solicitar etc. Por exemplo: perguntei ao ChatGPT o que é inteligência artificial, e ele prontamente respondeu: “é um campo da ciência da computação que busca desenvolver sistemas e tecnologias capazes de realizar tarefas que, normalmente, exigiriam inteligência humana para serem realizadas. Esses sistemas são projetados para aprender, raciocinar e tomar decisões com base em dados e algoritmos”. Em

tempo: como esclarecem os nerds, IA existe há tempos e é base de muitos sistemas e plataformas tecnológicas. Recente é seu uso por pessoas comuns, fora dos ambientes especializados em tecnologia (em serviços como ChatGPT, Bing, YouChat etc).

Por outro lado, manifestou-se o temor pelos riscos que essa inteligência desconhecida, que aprende sozinha, pode representar. Primeiro, em nível mais prático e imediato, a preocupação é com os empregos que deixarão de existir, desde os do próprio mundo da tecnologia (analistas que se incumbem de códigos mais simples, por exemplo, devem se tornar dis-

pensáveis) até designers (há chats especializados em produzir, em segundos, imagens de excelente qualidade), e mesmo as profissões ligadas à escrita. Traduções, por exemplo, ficam perfeitas, dizem os que usaram. E já há livros de ficção escritos por IA, bastante razoáveis, conforme quem avaliou. Para textos factuais, os erros desses chats ainda são muito frequentes, o que impede o uso imediato para os textos jornalísticos, mas melhorias devem ser questão de tempo, em versões mais avançadas desses sistemas.

A principal preocupação, no entanto, é mais profunda: refere-se à dominação que a IA pode exercer sobre a cultura humana, alterando-a e, eventualmente, destruindo-a. Não à toa, renomadas personalidades globais, como Elon Musk (fundador da Tesla), Steve Wozniak (cofundador da Apple) e o historiador-filósofo-escritor Yurval Harari (autor de “Sapiens”), entre

outros, assinaram carta divulgada globalmente, onde defendem pausa por algum tempo no desenvolvimento da IA, por acreditarem que “a IA avançada pode representar uma mudança profunda na história da vida na Terra e deve ser planejada e gerenciada com cuidado e recursos proporcionais”. Uma ilusão imaginar que as grandes empresas de tecnologia concordariam com a proposta...

Assustador! Expus o assunto aos meus netos de oito e seis anos, em linguagem adaptada à idade (sem muito esforço, já que eu mesma sou leiga). Falava eu sobre o perigo da interferência da IA para a humanidade quando o mais velho, prático como sempre, apontou a solução: “basta tirar a máquina da tomada!”. Boa resposta, mas dobrei o desafio: “se a IA é tão capaz, talvez consiga buscar sozinha outras fontes de energia...”. Os meninos ficaram de pensar para solucionar o assunto. Por

enquanto, nada (rsrs).

Bem, para fazer a minha parte, só “treino” a IA em matérias do bem ao solicitar respostas. Assim, quem sabe ela não tenha maus pensamentos... Dia desses, por exemplo, solicitei ao ChatGPT um soneto contendo o tema empatia. Achei razoável o resultado, e compartilho aqui:

“Empatia é a arte de se doar
E compreender a dor alheia
É saber escutar e enxergar
O que o outro sente e deseja
É sentir junto, sem julgar
E estender a mão com amor
É se colocar no lugar
De quem precisa de calor
Empatia é o elo que une
E acalma o coração aflito
É o gesto que reconforta e acolhe
É o ato mais nobre e bonito
Que transforma e nos faz crescer
E nos torna mais humanos
ao viver.”



Judith Brito

É mãe, avó e executiva do Grupo Folha e do Grupo UOL.

Dinheiro é, sim, assunto para mulher

Por Beatriz Maluf

Toda mulher tem o direito de estar em lugares onde possa prosperar. E para isso, mulheres e todos os que as rodeiam precisam saber e acreditar na capacidade que cada mulher tem em lidar com as finanças.

Se falar de dinheiro na nossa sociedade já é difícil, imagina para as mulheres que até 1960 não podiam ter conta em banco sem a autorização do marido. Que ganham até 30% a menos do que os homens para fazer o mesmo serviço. Que sofrem com sobrecarga do trabalho do cuidado (quando você destina um tempo do seu dia para cuidar de alguém: filhos, marido, casa, idosos e sem receber nada por isso).

Que através da sociedade, família e vida formaram crenças limitantes, que são estados mentais adquiridos

ao longo da vida sobre certo tema e se tornam verdades absolutas restringindo e impedindo de seguir.

“Homens sabem cuidar melhor do dinheiro do que as mulheres. O mais certo seria: mulheres e homens têm a mesma capacidade de cuidar do próprio dinheiro. A mulher foi historicamente afastada de alguns campos e dinheiro foi um deles. Falar e querer dinheiro era algo proibido e distante. Limitações como essas da conta bancária e da frase a cima deixou marcas que atravessam gerações e atrapalhando muito essa relação: MULHER X DINHEIRO.

O fato é que a vulnerabilidade da mulher não está somente relacionada a questões financeiras, mas também a fatores sociais e culturais, porém ocorre que a mulher que tem uma relação mais próxima com o dinheiro, sem se desconectar com a sua essência, tem também mais autonomia para ditar as próprias regras,

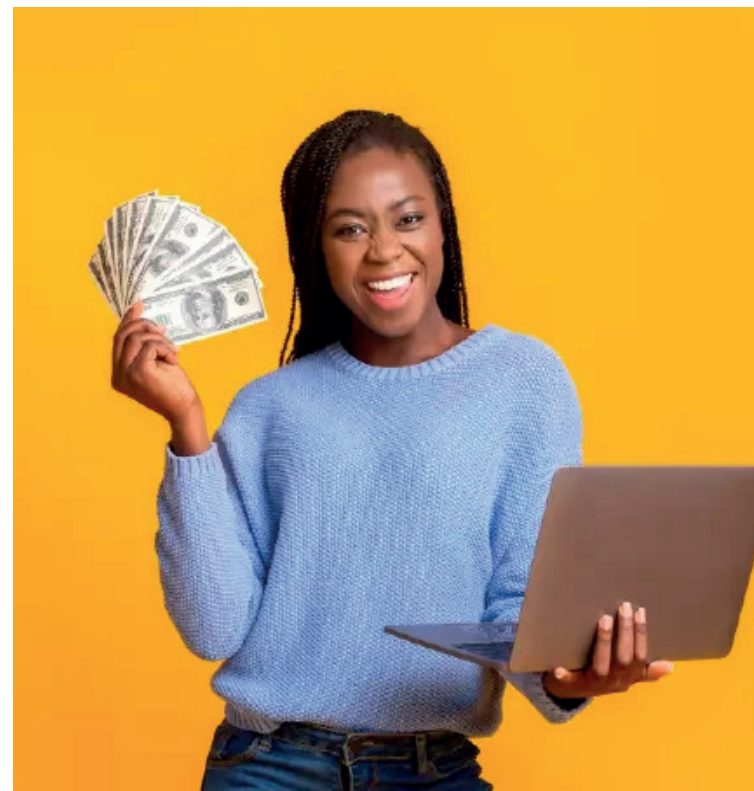
pois a autonomia (capacidade de se guiar com os próprios meios) gera liberdade e liberdade é ter poder de escolha.

Bem, desde 1960 já se foram 62 anos e hoje a conta bancária já pode ser aberta sem autorização do marido, porém o tabu em falar desse tema persiste. E afinal, o que é preciso fazer para isso mudar?

Primeiro: é importante deixar claro que falar de dinheiro, é falar sobre nós, falar de nossas qualidades, das nossas inseguranças e até mesmo sobre o nosso papel na sociedade. Afinal, como iremos ensinar próximas gerações? Que mundo queremos deixar para essas meninas e meninos? Um mundo com mais igualdade, com mais respeito e amor?

Segundo: todas as mulheres são capazes de tratar o seu dinheiro, saiba suas prioridades, tenha orgulho da sua história, não se culpe e não julgue nem você e nem as amigas, acolha.

Terceiro: fale de di-



Crédito: Getty Images

nheiro de forma respeitosa e cortês. Você é capaz!

Esse já é um bom começo para que esse relacionamento MULHER X DINHEIRO evolua para uma relação mais segura e saudável, de proximidade, de cumplicidade e de autonomia.

Para romper esse ciclo, esse modelo mental e esse distanciamento é simples: converse sobre o assunto, se informe e admire outras mulheres e suas condições. Admire e apoiar a história

de cada uma, sem julgamento e com acolhimento é um fator de mudança muito importante nesse processo.

Informação, conversa e discussões sobre temas que são tabus, geram confiança e confiança gera liberdade. Dinheiro é, sim, assunto para mulher e quanto mais for falado, maiores as chances dessa relação se tornar mais positiva e forte. Afinal, quanto mais conhecimento, mais confiança, certo? Vamos conversar?



Beatriz Maluf

Uniu sua experiência de mais de 15 anos no Mercado Financeiro com estudos sobre a mulher e hoje através do Movimento Brígidas, um ecossistema que gera impacto por meio da EDUCAÇÃO FINANCEIRA, oferece latente, informação e capacitação para que mulheres.

Periferia e favelas foram representadas no maior evento de jornalismo do Brasil

Iniciativas de jornalismo periférico, entre elas o Espaço do Povo, estiveram presentes na programação do Congresso da Abraji

Por Aline Almeida



Crédito: Beatriz Monteiro

Pela primeira vez, a equipe do Espaço do Povo participou do Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, evento realizado anualmente pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji),

que aconteceu entre os dias 29 de junho e 2 de julho.

Essa foi a 18ª edição do evento, que é considerado o maior congresso de jornalismo do Brasil. E, dessa vez, a programação contou com

a participação de uma palestra exclusiva sobre Jornalismo Periférico de alto impacto em São Paulo. A jornalista Gisele Alexandre, atuante há mais de 17 anos no Ca-pão Redondo, trouxe o tema para a centralida-

de, abordando narrativas não adotadas pela mídia tradicional sobre as periferias do Brasil.

Com mediação do jornalista Vagner Alencar, cofundador e diretor de jornalismo na Agência Mural de Jornalismo das Periferias e com os jornalistas, Gisele Alexandre, editora-chefe do Espaço do Povo e fundadora do podcast Manda Notícias e Thiago Borges, do Periferia em Movimento e Território da Notícia, o painel trouxe a oportunidade de mostrar veículos independentes que existem dentro das peri-

ferias de São Paulo.

O debate mostrou que o surgimento do jornalismo periférico se deu pelo fato de a mídia tradicional tratar as favelas e periferias apenas como um ambiente onde só acontecem violências e mortes ou onde moram pessoas "carentes".

Além de evidenciar a atuação dos jornalistas periféricos, os participantes também falaram sobre a importância da educação midiática para desconstrução dos estereótipos.

Parceria: Território da Notícia e Espaço do Povo

Distribuição de conteúdo jornalístico via telas. É assim que podemos resumir o Território da Notícia, um dos projetos apresentado durante o Congresso da Abraji.

Uma plataforma de distribuição de conteúdo jornalístico que usa totens, ou seja, telas de sinalização digital, instaladas em estabelecimentos comerciais periféricos, como açougues, mercados e padarias, trazendo notícias

de 'dentro das favelas para dentro das favelas'. Desde o mês de março, o Espaço do Povo é uma das iniciativas de jornalismo parceiras do Território da Notícia. Então, além dos conteúdos publicados nos canais digitais e do jornal mensal impresso, os moradores das quebradas de São Paulo também podem conhecer o conteúdo produzido em locais espalhados pela cidade.



Crédito: Léu Britto

Cores da favela: iniciativa revitaliza casas em Paraisópolis

Além de transformar as casas da comunidade, o projeto também promove a geração de emprego e renda aos moradores

Por Aline Almeida

Em maio, aconteceu a inauguração da revitalização de novas casas em Paraisópolis, zona sul de São Paulo. O Cores da Favela é realizado pelas startups Revitaliza Comunidades e Assessora Comunidades, cujo objetivo é transformar casas, trazendo cores para as favelas do Brasil.

De acordo com informações, 50 casas receberam a reforma com rebocos e tintas doadas, trabalho que contou com o acompanhamento de um arquiteto

durante todo o processo. “Esse é um projeto muito bacana, em que a gente fez uma parceria não somente com a AkzoNoel e tintas Coral, mas também com a comunidade, então o mais importante é ter o engajamento da comunidade e fazer com que as pessoas se sintam melhores, sintam o prazer de estarem em casa”, explica Maurício Adade, presidente da Dsm-firmenich uma das empresas parceiras. Para contribuir com o conhecimento,

segurança e experiência dos trabalhadores responsáveis pela pintura, com apoio dos parceiros, foram oferecidos treinamentos de segurança e técnicas como “Trabalho em Altura” e “Técnicas de Pintura”. Os materiais para a obra foram adquiridos no comércio da comunidade para fortalecer a economia local.

O projeto nasceu em 2021, dá vontade do idealizador Carlos Leonardo, de oferecer aos moradores de fa-

vela também melhores condições de habitação, moradia digna e poderem frequentar espaços públicos de qualidade em seus próprios bairros.

“É comprovado que as cores tem o poder de transformação, então nós criamos o ‘Cores da Favela’ justamente para transformar a comunidade de Paraisópolis, tirar esses tijolos das paredes, rebocar e levar cor, além disso, queremos capacitar mão de obra na área de construção

civil e também queremos gerar emprego e renda, partindo aqui de Paraisópolis e levar essa iniciativa para outras comunidades do país, explica Carlos Leonardo, que também é fundador do Revitaliza Comunidades.

“A meta é revitalizar cerca de mil moradias em Paraisópolis e expandir para mais comunidades do Brasil”, finaliza Carlos.

Crédito: Anderson Jorge / Agência Cria Brasil



Da favela para favela

Negócio social leva compras online para moradores de becos e vielas de São Paulo

Por Aline Almeida e Leonardo Almeida

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, o comércio eletrônico digital cresceu 20% em 2022, movimentando R\$ 187,1 bilhões, sendo que grande parte dessa movimentação econômica se deu nas favelas do Brasil. Como mostra a pesquisa Persona Favela, realizada pela Outdoor Social, a média de compras virtuais nas 15 maiores favelas do país é de 38%.

Em algumas regiões periféricas, os moradores não conseguem realizar compras virtuais por

conta do preconceito de CEP, que é quando uma pessoa tem um direito negado por morar em determinado local, como, por exemplo, ser impossibilitado de receber uma mercadoria porque o seu endereço é listado pela empresa como “área de risco”.

Em Paraisópolis, esse cenário começou a mudar, graças à iniciativa de um jovem empreendedor da favela que durante a pandemia teve a ideia de criar uma estratégia logística para atender aos moradores da comunidade.

“A Favela Brasil Xpress

nasceu a partir de uma necessidade de moradores de favelas, receberem os produtos em suas residências e de ter acesso a esses serviços que é acessível a maior parte da população mundial, que paga para receber seus produtos na porta de casa”, explica Giva Rodrigues, CEO da Favela Brasil Xpress (FBX).

Em 2022, 61% dos brasileiros preferiam realizar compras online ao invés de ir até as lojas. Mas, em Diadema, município da Grande São Paulo, o preconceito

Crédito: Léu Britto / Espaço do Povo

Crédito: Banco de Imagens Agência Círia Brasil



de CEP também era um obstáculo para os moradores, como explica a gerente operacional parceira da FBX e moradora da região, Luciana Pereira: “Por conta de ser uma região muito perigosa, o entregador tem receio de ir até o local, então a gente tem um pouco dessa dificuldade. Às vezes, preciso colocar o endereço do trabalho da minha mãe. Porque são bairros e a galera tem mais receio de estar entregando. Então, a gente sempre teve essa dificuldade na entrega por morar em região periférica”, disse Luciana.

Os obstáculos de entregas, tanto em Paraisópolis como em Diadema, são superados

através do conhecimento adquirido pelo entregador, que também mora no território em que atua. Ele sabe como em quais pontos são seguros, e consegue identificar os endereços rapidamente, traçando estratégias para entrar em locais de difícil acesso, como vielas e ruas extremamente apertadas.

“Ser morador de Paraisópolis facilita bastante, a gente já conhece todos os lugares né, então já facilita para a gente tá entregando o pedido para o cliente e não tá voltando com o pedido para a base”, conta Francisco Silva entregador da FBX em Paraisópolis.



COMUNIDADE



Crédito: Léo Britto / Espaço do Povo

Colocando a favela no mapa

Além de democratizar o recebimento de mercadorias nos becos e vielas, a Favela Brasil XPress em parceria com a Google Brasil, tem atuado no endereçamento digital das residências, que antes estavam invisíveis no mapa. O Plus Codes é integrado ao Google Maps, e funciona por meio de uma tecnologia que permite converter latitude e longitude em códigos curtos, semelhantes a códigos

postais, que podem ser lidos por equipamentos com GPS para localizar os endereços digitais com precisão. Cada local mapeado pelo Plus Codes recebe, então, um código único e uma placa para facilitar a identificação.

“A FBX é um grande parceiro nosso, entenderam bastante o projeto e abraçaram a causa e, de fato, entenderam os benefícios que traz, tanto para parte logísti-

ca, quanto para os moradores em relação ao que isso pode trazer de benefícios adicionais. E a gente já tem visto um resultado bem bacana no processo de endereçamento que está acontecendo em Paraisópolis”, explica Wilson Rodrigues, gerente de parcerias estratégicas do Google.

A importância da parceria entre a FBX e o Google, permite muito mais do que o recebi-

mento de entregas de comprar virtuais, como destaca Giva: “Além de proporcionar às entregas, a gente proporciona que o morador possa abrir uma conta no banco, utilizando aquele código, possa cadastrar o filho na escola, e utilizar de outros serviços que demandem desse endereço. Então, além de levar encomendas para esses moradores, levamos dignidade para que eles possam

falar que ele está aqui, que ele existe, que ele mora dentro daquela comunidade, daquela região, daquela rua”, finaliza.

Confira a videoreportagem completa no nosso canal no YouTube:



Esgoto a céu aberto, infelizmente, ainda é a real situação de várias manas, minas, monas e manos



Léu Britto

Nascido na Favela Monte Azul, é fotojornalista documental autodidata. Também é co-Fundador do DiCampa-
na Foto Coletivo, correspondente da Agência Mural e agenciado da editora Porto de Cultura.

Perinfância: a importância do brincar



Wesley Tadeu

(Lente Suja) fotógrafo, Designer gráfico e Iluminador cênico, estudou computação gráfica em Instituto Criar e Iluminação cênica no Centro de referência da dança. Editor e videomaker em Espaço do povo.

Nhoques Mineiros

As férias de julho chegaram!!!! Sabe aquele dia frio, que não dá para brincar fora de casa, quando as crianças ficam indóceis, sem saber o que fazer e querendo comer tudo o que tem no armário e na geladeira? Vou te dar uma

dica: junte a galerinha e leve todos eles para a cozinha e a brincadeira vai virar o lanchinho da tarde.

Bora fazer Nhoques Mineiros? Vai ser um sucesso e cai super bem com um belo chocolate quente ou um cafezinho.

Crédito: Arquivo pessoal



Ingredientes:

1/2 kg de farinha de trigo
1 xícara de açúcar
2 colheres (sopa) de queijo ralado
2 ovos
1 colher (sopa) de fermento em pó
1 xícara (chá) de leite integral
1 tablete (100g) de margarina

Calda:

1 e 1/2 xícara de açúcar
1 xícara de água

Modo de Preparo:

Em uma tigela grande, misture a farinha de trigo, o açúcar e o queijo ralado. Adicione os ovos, o fermento em pó, o leite integral e a margarina. Amasse bem todos os ingredientes até obter uma massa homogênea.

Em uma superfície limpa e enfarinhada, coloque a massa e modele-a como se estivesse fazendo nhoques comuns. Recorte em pedaços de tamanho adequado para as crianças. Pré-aqueça o forno e coloque os nhoques em uma assadeira untada. Asse-os até que estejam dourados por cima. (cuidado para não queimar, ele leva +ou – 10 minutinhos). Enquanto os nhoques estão assando, prepare a calda. Em uma panela, coloque o açúcar e a água e leve ao fogo médio. Deixe a calda cozinhar até atingir uma consistência não muito apurada.

Após assados, retire os nhoques do forno e mergulhe-os na calda, e escorra com uma escumadeira. Para finalizar, passe-os no açúcar com canela. Agora é só saborear essa delícia com as crianças!

CUIDADO: não permita que as crianças manipulem as assadeiras no forno e principalmente a calda quente, o risco de queimadura é grande.



Aproveite as férias de julho para desfrutar de momentos especiais ao lado das crianças, explorando novas receitas e criando memórias que durarão para sempre.

Quer a receita do chocolate cremoso? Me chama no Instagram @monicafariabr
Divirtam-se e bom apetite!

Mônica Faria Oliveira

Bailarina, produtora de eventos e chefe de cozinha. Atua em Paraisópolis há 11 anos desenvolvendo diversas atividades voltadas à gastronomia "Também é apresentadora do programa Comida de Favela na Tv +FavelaTv"

O que eu faria?

Por Aline Almeida

Arte. Redenção. Te-são. Emer-são. A cultura nos remete a todas essas palavras, a todos esses sentimentos, conseguindo expressar, expelir tudo aquilo que muitas vezes não conseguimos. Assim acontece com um filme que assistimos, que nos emociona profundamente e nos transporta para a realidade do personagem como se fossemos nós vivendo aquela vida, aquela situação.

Tantas vezes já fui submetida a uma epifania pelo simples fato de ter escutado uma música, ter terminado de ler um livro, ou ter ouvido frases reflexivas de personagens que me fez mudar de perspectiva sobre determinadas coisas.

A dramaturgia tem o poder de me despertar a empatia, capacidade de me colocar no lugar do outro. E recentemente eu me coloquei no lugar de um personagem. Fiquei pensando horas como eu reagiria, o que eu faria se tal brutalidade tivesse acontecido comigo.

Estou falando do terceiro episódio da sexta temporada de 'Black mirror', 'Beyond

the sea', na verdade essa série já faz isso comigo há algum tempo. E dessa vez não foi diferente.

Beyond the Sea se passa em um cenário alternativo no ano de 1969, acompanhando a história de dois astronautas, Cliff e David, que graças a tecnologia podem visitar suas famílias por meio de réplicas de seus corpos enquanto estão no espaço. Até aí tudo bem, todos vivendo tranquilamente, eles cumprindo sua missão e visitando seus lares diariamente, mas tudo muda drasticamente quando David tem sua família assassinada por membros de um culto que consideram abominável a tecnologia que permite a presença dos astronautas tanto no espaço quanto na Terra.

Cliff se solidariza com o colega de trabalho e, na tentativa de ajudá-lo amenizar a dor do luto, o convida a usar a sua própria réplica corporal para visitar a Terra. David concorda, mas o que Cliff não percebeu é que

David não era mais o mesmo. Ele se apaixonou pela esposa de Cliff, Lana, na certeza que ela também sente o mesmo. Após Cliff encontrar desenhos de Lana nua feito por David, ele se dá conta de sua negligência, pois David começa a perder a sanidade, tornando-se cada vez mais sombrio.

A história dá uma reviravolta chocante, quando David resolve fazer com seu colega

o mesmo que fizeram com ele: assassina friamente a esposa e o filho de Cliff.

Quando Cliff retorna e descobre os corpos, David aponta para uma cadeira, simbolizando que ambos estão agora sem suas famílias e sem motivo para retornar à Terra.

E a reflexão que fica é: Se fosse comigo, o que eu faria? Se eu tivesse minha família assassinada eu

também mataria a do meu amigo, (que inclusive se solidarizou com minha dor) para ele sentir o mesmo que eu?

A dor faz com que as pessoas se transformem em monstros?

Se o meu amigo tivesse perdido a família dele eu o ajudaria o colocando no meu próprio corpo, dentro da minha casa?

O que eu faria? essa pergunta não sai da minha cabeça.



Astronauta David Crédito: Nick Wall/Netflix

Aline Almeida

Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Ama livros, música, filmes e séries. Libriana apaixonada por pets.

OLHA VOCEÊ NA AVON

Lucrando com seu
próprio negócio



SEJA REPRESENTANTE AVON.
CADASTRE-SE HOJE MESMO!

AVON